

Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO—DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor—João Perelra da Silva Correia

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impresso
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

MOCIDADE PORTUGUESA

1.º DE DEZEMBRO

É este jornal publicado no dia do aniversário da Restauração da Independência de Portugal. Festa colocada no primeiro plano das grandes consagrações nacionais, ela, dentro de dois anos, completa mais uma centena, que o Governo do Estado Novo se propõe festejar com brilho condigno.

Em Barcelos será este ano festejado pela Mocidade e pela Legião, em actos solenes que estão decorrendo quando o nosso jornal saia da maquina.

Aguardaremos, pois, a proxima semana para dar á data do 1.º de Dezembro o relevo á que tem direito.

Entretanto esperamos que, nas consagrações patrióticas, não haja esquecimentos de referencia ao regimen que tornou possivel em Portugal o restauro das grandes festas nacionais. reintegradas no respectivo plano de onde tinham sido deslocadas por festas de intenções e efeitos anti-nacionalistas.

É preciso que nada se deturpe, e se não dê ás consagrações officiais aspectos que lhes desvirtuem o sentido, isto a troco de uma complacencia local, que os adversários concedem de boa mente, por habil tatica.

Barcelos não cumpre plenamente o seu dever com tão singelas comemorações como as anunciadas para hoje.

A nossa terra está historicamente ligada muito estreitamente á Revolução de 1640, feita tendo como fulcro do movimento o Duque de Bragança e de Barcelos, cuja estatua se inaugura em Vila Viçosa em 1940 será o monumento maximo comemorativo do feito.

Conde Duque de Barcelos, como os seus antepassados, que no Condado Barcelense firmaram as raízes do ducado brigantino, D. João IV, o chefe da restauração, tem de considerar-se figura especialmente ligada á historia barcelense, pois Barcelos tem direito a reflexo da sua gloria.

Terra dos Duques de Bragança, mostrou em 1640 a pureza dos seus sentimentos patrióticos sendo das primeiras terras do Norte a seguir o movimento de Lisboa.

Por isso, porque, por muitas razões Barcelos se sente ligada á gloriosa data, é que, a pena que estas linhas escreve, logo a seguir á publicação da nota de Salazar determinando as celebrações centenarias—foi á imprensa da sede da Provincia, ás colunas do Correio do Minho, reclamar os direitos e o cumprimento dos deveres de Barcelos nas grandes comemorações.

Na Junta de Provincia o sr. dr. Adélio Marinho, oficialmente, iniciou tambem a nobre campanha, que as Altas regiões receberam animadoramente.

Mas, triste, é verifical-o, Barcelos ou elhou indiferente, ou classificou de saliencias pretenciosas, ou...

Cremos sempre nas virtudes intimas, que acabam por irromper através de todas as más educações e incompreensões.

Por isso ainda temos esperanza de que Barcelos não fique, nos centenários, marcada com o ferrete de que não soube ser terra portuguesa.

J. P.

No dia da «Mocidade», que se escolheu intencionalmente na data aniversario da recuperacao da independencia patria, feito empreendido nas mais gloriosas circunstancias, ocorre perguntar entre nós: tem a «Mocidade Portuguesa» cumprido o seu dever, de acordo com a intenção patriótica do Governo que a instituiu? Tem dado ao País, pela orientação da sua conduta, a esperanza de exercer influencia útil no futuro?

Para responder com segurança a estas perguntas, devemos abstrair dos êxitos, esquecer aplausos e dar ouvidos apenas á consciencia. Só assim poderemos ser justos connosco, afastadas ilusões que obscurecem erros. O conhecimento exacto das responsabilidades deve procurar-se á margem dos triunfos. É esta a noção que comandará os actos de dirigentes e filiados.

Uma organização da Mocidade há-de ter forçosamente, vivacidade, alegria, saúde, porque se assim não fora negaria a sua essencia. Esta característica não deve contrariar-se, porque dela provem uma das grandes belezas da «Obra».

E não é necessário deformá-la para se realizar trabalho sério, sistemático, disciplinado, de sentido bem definido; mas a atenção deve manter-se vigilante. sem enlêvo de passageiras glórias, porque só dêste modo se conserva a lucidez para reconhecer as faltas e vontades para as corrigir. Não basta que os dirigentes consigam de si esta virtude, mas é também preciso que ela atinja os filiados, e estes se ajudem uns aos outros na compreensão da finalidade que os reuniu.

A defesa de Portugal, como nação independente e progressiva, é uma preocupação de há oito séculos, igualmente dominante hoje como então. A «Mocidade Portuguesa» há-de sustentá-la e transmiti-la a outras gerações com força invencível. São da ordem mais complexa as energias que geram e conduzem esta força. A «Mocidade Portuguesa» compete mais tarde, pela intervenção dos seus filiados na vida pública o fortalecimento de todas aquelas energias.

Mas é fundamental, para que a acção se desdobre com coerência, que os meios tenham os fins sempre á vista, única maneira de não se enveredar por caminhos mais longos ou falsos.

A «Mocidade Portuguesa» não sofre a mais leve indução de estranhos no traçado do seu rumo formativo. É este determinado exclusivamente pelos recursos da nossa razão, sem perdas de proporcionalidade e com respeito pelas bases doutrinárias que informam toda a acção; direcção de vida praticável sem precisão de isolamentos. O convívio com a juventude de outros países alimenta bons sentimentos de camaradagem, dá-nos conhecimento mais próximo dos erros e acertos alheios—que como é humano sempre andam misturados—e permite como consequência um processo de aferição das nossas próprias faltas e méritos. Leva-nos a emendar as faltas e estimar mais os méritos, sem ofensa das nossas firmes con-

vições que suportam com vantagem todos os confrontos.

A «Mocidade Portuguesa» não é escola de soldados. O caracter da sua orgânica, os cuidados com os exercicios físicos, têm um alcance que transcende a preparação para a vida militar. O hábito da obediencia, o contacto com as rudezas da vida em que a camaradagem nivela as origens, o desenvolvimento da resistencia e dextreza, o desejo de bem servir, tudo dá aos filiados firmeza nas obrigações para com a Pátria, incluindo a fácil adaptação á vida das armas, com a compreensão justa de todos os seus sacrificios. Não deve porém confundir-se a preparação conducente a fazer um homem válido e útil, com o fim expresso de fazer de cada homem um soldado. A «Mocidade» visa a primeira hipótese e não cuida da segunda.

A «Mocidade Portuguesa» não é um movimento de apostolado religioso. O diploma que lhe regra a actividade define a sua atitude religiosa. Neste

problema e em todos os outros, como organização do Estado, e, por consequência, da sua dependência exclusiva, a «Mocidade Portuguesa» segue rigorosamente o espirito e os preceitos da Constituição. Assim, a religião tradicional do País terá o seu lugar, lugar único em face de outras, pois nela assenta toda a formação moral que se tem em vista. Isto significa de que indole são as nossas diligências no campo do espirito, e não tem havido, nem haverá, timidez nas afirmações exteriores a este respeito, como, de resto, a qualquer outro.

A «Mocidade Portuguesa» não tem objectivos de politica imediata, mas tem fundamentos politicos.

Andou largos anos desprestigiada a politica em Portugal, tanto que, falar dela aos novos, poderia tomar-se como iniciação num vicio e, portanto, criminosa iniciação. Por felicidade as coisas mudaram de tal modo, que o ambiente politico se clarificou, e é aconselhável

mostrar-lhes que posição têm todos os portugueses perante a verdadeira politica. Nos novos está toda a nossa esperanza, porque nêles se confia justamente para que tais obrigações não voltem a ser um resumo de expedientes que, disfarçados com o bem público, levavam em regra á mera satisfação de conveniências particulares. Isto não quer dizer que, na politica a que nos referimos, não tenham andado pessoas de boa fé e de boa moral. Mas, o seu número, foi tão pequeno e a idealogia que os guiava tão disforme, que os seus bons intuitos se perderam por completo.

Convem, pois, explicar á gente nova, que a politica não constitue habilitação especifica de uma profissão apenas recomendável para pessoas menos escrupulosas. Pelo contrario, dela se devem afastar todas as impurezas para que possa responder pela alta missão de criar condições de governo.

EM VILA COVA

DUAS PALAVRAS DE SAUDADE

Quando há dias fomos em romagem ao cemitério da nossa freguesia orar pelo eterno descanso dos mortos que lá repousam, não pudemos conter o nosso espirito, sem que nos passasse pela mente a lembrança de algumas pessoas que lá dormem o derradeiro sono e, que em vida nos foram mais queridas, algumas das quais pertenceram aos numero dos HOMENS BONS desta freguesia.

Por coincidência com os aniversários dos seus falecimentos, apenas hoje vamos fazer referencia á memória dos srs. Manuel de Sá Cachada e João Domingues de Oliveira, sógro e genro respectivamente, os quais tivemos a honra de contar no numero dos nossos amigos.

O S^r. Manuel de Sá Cachada, que faleceu no dia 16 de Novembro de 1935, com a idade de 76 anos, era na verdade e sem receio de desmentido, um dos Homens Bons desta freguesia. Fez, portanto, três anos no passado dia 16 que desapareceu do convívio dos seus numerosos amigos, esse exemplar chefe de familia, esse caracter impoluto e inconfundível de HOMEM DE BEM!

Amigo do seu amigo, grangeou por isso e pelo seu porte correcto e honesto, a estima de todo o povo de Vila Cova.

Alem de diversos cargos que exerceu nesta freguesia, exerceu o de regedor (e se a memória não nos falha) até pelos anos de 1905 a 1910, tempo esse que ainda éramos crianças.

Com tanto aprumo e correcção exerceu esse cargo, que ainda hoje se ouve dizer ás pessoas suas contemporâneas, que não criou um único inimigo durante o tempo que exerceu essas funções.

Homens como este, nunca haviam de morrer, pois fazem muitissima falta.

—O outro, João Domingues de Oliveira, que era casado com a sr.^a Cristina de Sá Cachada, e, portanto, genro do sr. Manuel de Sá Cachada, faleceu no dia 24 de Novembro de 1937 com a idade de 67 anos. Fez, portanto, um ano que desapareceu do convívio dos seus amigos e de sua familia, essa boa alma, esse coração de puro Vilacovense, o saudoso e inesquecível João Domingues de Oliveira!

A surpresa foi enorme e cruciante, porque embora se soubesse do seu estado melindroso, ninguém esperava tão triste deslance com a rapidez angustiada e acelerante com que se deu.

Todos os olhos se marejaram de lágrimas, todos os corações palpitarão de dó e a freguesia inteira sentiu bem fundo, um choque irreparável, cobrindo-se de luto, enchendo-se do mais profundo e sentido pesar!

Não surgem facilmente na vida dos povos figuras bondosas, firmes de caracter, inteiriças na disciplina e nas atitudes sempre nobres e elevadas como o saudoso João Domingues de Oliveira. Era na verdade um Homem de Bem!

Nós queríamos descrever com mão de mestre o que em vida foram as figuras a quem hoje prestamos esta singela, mas sentida homenagem. Mas como a memória e a intelligencia nos atraioam, limitamo-nos, apenas a concluir: como este mundo seria um mar de rosas, se todas as pessoas que nele existem, fossem possuidoras dos mesmos predicados de caracter e honestidade, como o foram em vida estas duas figuras a quem hoje dedicamos estas desataviadas linhas.

Paz ás suas almas!

Vila Cova, 10 de Novembro de 1938.

Domingos J. A. da Costa

Campanha necessária

I

MENDICIDADE E DESEMPREGO

Duas razões me levam a escrever sobre o que se lê a encerrar este escrito: o facto de ultimamente «Noticias de Barcelos» ter chamado atenções para a mendicidade publica que se vê aumentada de dia para dia—e o facto de a falta de trabalho fazer engrossar a cifra dos desempregados.

E ha ainda um outro motivo que se impõe: esclarecer da vida aflitiva em que se veem instituições locais que quizeram contribuir para a assistência aos necessitados e que muita gente entende estarem ricas e sem necessidades de esmolas ou donativos.

Procuraremos ilucidar sobre a situação delas, no intuito de poderem, os que podem, contribuir para que a sua acção não fraqueje, antes se fortaleça e desenvolva.

Se o conseguir, darei por bem empregado o tempo.

O problema da mendicidade assume em Barcelos a mesma gravidade e delicadeza que tem noutras terras da provincia. E' insolúvel se não for enfrentado com decisões praticas e se não for encarado na sua realidade.

E' necessário separarem-se os «indigentes» dos «pobres»—e destes os que por não haver trabalho, se designam «operarios desempregados».

Assim se convencionou, superiormente, regulamentar a Campanha de Auxilio aos Pobres—e não podemos nós fugir á regra estabelecida.

a) «Considera-se Indigente o individuo que, devido á sua avançada idade, doença ou defeito fisico não pode angariar o indispensavel ao seu sustento, nem possui directa ou indirectamente qualquer meio de fortuna».

b) «Considera-se Pobre, o individuo que, embora ganhando alguma coisa para seu sustento, não a sufre, entretanto, o suficiente para se prover, e a sua familia, do indispensavel.»

c) «Não podem ser inscritos nos Mapas—Cadastro (dos Indigentes e Pobres) os considerados temporariamente desempregados, pois para estes outro Organismo estende a sua acção».

Fixadas estas regras de classificação, oficialmente estabelecidas, ha que considerá-las e estabelecel-as onde se queira dar solução aos problemas locais da mendicidade publica.

E é com os olhos postos nelas que localmente se deve tentar acudir aos indigentes e pobres e desempregados—que são tantos ou mais do que aqueles na cidade e nas freguesias do concelho.

Pelo Commissariado do Desemprego sabemos que são fornecidas, diariamente, 90 refeições a desempregados, serviço de que se encarregou a Sopa dos Pobres, ha mais de um ano.

Isto resolve, porem, o problema dos desempregados? Não. Não se resolve, esse problema, simplesmente porque se forneça alimentação a determinado numero de desempregados.

Neste capitulo, o problema só se tornará solúvel pela abertura de trabalhos em que se empreguem o maior numero dos que não trabalham—por não terem em quê.

Os particulares, que veem dia a dia diminuidos rendimentos e recursos, não fazem obras. O muito que podem mandar fazer, é reparações ligeiras e urgentes, nos seus prédios.

Ha anos que deixa de vir do Brasil um capital consideravel, produto de rendimentos de capitais portugueses representados em titulos ou prédios brasileiros, achando-se as remessas do Brasil reduzidas a 500 escudos mensais para cada entidade. O resto fica «bloqueado»—nos cofres do Brasil.

E se os calculos não estão errados, como creio que não, cerca de um quinto da divida brasileira cabe a portadores portugueses, somando cerca de 300 mil contos anuais os rendimentos atribuidos a portugueses.

Embora nem todo esse rendimento tenha deixado de vir para Portugal, é certo que uma boa parte dele tem deixado de vir. Supondo-se que tenha vindo metade, a outra metade ficou lá. E o que ficou lá faz falta nos meios rurais. Talvez que daí tenha origem tanta falta de recursos, que afligem certos meios. E talvez, que daí, advenha em grande parte, a grande crise que ha «nos atravessam as classes de trabalhadores rurais e cidadãos—de falta de trabalho braçal.

Com mil contos dos 200 ou 300 mil que tenham ficado «bloqueados» no Brasil, é já cifra bastante elevada para se poder considerar que ela teria dado trabalho a muita gente.

Portanto, justificado está, até certo ponto,—que os particulares não façam obras de monta, e que esse facto avolume o numero dos desempregados.

Que é preciso fazer, para que a classe dos desempregados, muitos ou poucos na nossa terra e no nosso concelho, não faça engrossar o numero dos pedintes?

A meu ver, impõe-se a abertura de obras por parte das entidades officiais: Camara e Governo.

E' o meio de acudir aos pobres trabalhadores. Porque dar simplesmente de comer a um certo numero deles não resolve—ou em pouco resolve a falta de trabalho.

Considera-se, portanto, que enquanto os que não trabalham por não terem em quê não obtiverem, pelo trabalho, os meios indispensaveis á sustentação dos seus lares de familia—e alguns ha que tem familia numerosa—esses tem de ser considerados agregados á classe dos Pobres».

E deste modo, não se limita a cem ou duzentos, o numero dos que á face do regulamento official se devem considerar pobres. Esse numero eleva-se, seguramente, a mais 50 por cento, pelo menos.

Teremos, portanto, uns 200 a 300 «pobres» na cidade, e teremos 70 a 100 indigentes—numeros que são indicados por calculo, por não ter á mão a ultima estatística cadastral. Mas pode controlar-se oportunamente, com certa exactidão.

Considerado o que fica dito, encarar-se ha o estado actual da assistência em Barcelos—a capacidade das instituições locais que prestam assistência, o que tem feito, se podiam fazer mais—ou se até terão feito de mais atentos os recursos de que tem podido dispôr...

M. S.

ANJINHO

No dia 23 do mês passado, voou para o céu o inocentinho Eduardo, de 5 meses de idade, filho extremoso do nosso amigo sr. Eduardo Henrique dos Santos Vale e neto do também nosso amigo sr. Domingos Ferreira Vale, negociante da nossa cidade.

A seus desolados pais e avô, imersos na mais punjente dó, as nossas condolências mais sentidas.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

CAIXA DE CREDITO AGRICOLA

Era uma necessidade ir-se ao encontro do lavrador do nosso concelho, proporcionando-lhe meios de defezar contra o empréstimo a juro elevado.

As suas dificuldades no arroteamento das suas terras eram, por vezes até na regra geral, para desanimar.

O Estado Novo veio dar facilidades á criação das Caixas de Crédito Agrícola, onde os associados podem contrair empréstimos por hipoteca, a um juro modico, 5%, ao ano.

Assim, para remissão de hipotecas, compras de terrenos para alargamento de culturas, aquisição de adubos quimicos, sementes, alfaias agricolas, compras de gados, construção de ramadas, vedação de prédios rústicos, pagamento de contribuição predial rústica, explorações de poços, tudo quanto se relaciona com o problema agrícola, a Caixa facilita aos seus associados dinheiro por hipoteca sobre prédios que estejam completamente desonerados.

Em Barcelos, desde Abril de 1937, funciona uma Caixa de Crédito Agrícola, proporcionando aos lavradores meios de se livrarem da usura, principal ruína da lavoura.

Sabem quanto já distribuiu no nosso concelho? aproximadamente 1.000.000\$00 (mil contos) quantia bastante elevada e que mostra a crise da lavoura.

Mas para a criação da Caixa foi preciso o forte empreendimento de uns poucos de proprietários que com louvavel tenacidade se constituíram em organização directiva e obtiveram a aprovação dos estatutos, sendo assim os sócios fundadores.

Os seus nomes precisam ser conhecidos e apontados para reconhecimento de toda a lavoura do nosso concelho.

Manuel Cardoso de Albuquerque, proprietario e director do Sindicato Agrícola de Barcelos.

João Bátista da Costa Faria, Joaquim da Silva Casa Nova, Manoel Antonio da Silva Miranda, Joaquim Leonor Faria Eiras, Manuel da Silva Nunes, Narciso de Lima Ribeiro, Adelino Faria Eiras, Antonio José Alves Rodrigues e Firmino Luiz da Pêna, proprietários nas freguesias de Vila Seca e Fernelos.

Muito ha que esperar da acção benéfica da Caixa de Crédito Agrícola Mutuo de Barcelos, aliviando a lavoura dos encargos dos juros elevados a que estava sujeita.

O Soberano Pontifice Pio XI

O mundo católico estremeceu de anciedade pela saúde de Sua Santidade.

Uma nova crise cardiaca surgiu inesperadamente e poz em risco a sua preciosa vida.

Felizmente que melhorou já sensivelmente o periodo agudo, entrando o Santo Padre em periodo de calma, tendo até podido entregar-se já a alguns trabalhos.

O estado grave do Soberano Pontifice alarmou o mundo catolico.

Deus ha-de permitir que o seu representante na Terra adquira o vigor preciso para continuar a dirigir os milhões de subditos seus.

Cães vadios

Chamamos de novo a atenção da Ex.^{ma} Câmara para a numero elevado de cães vadios que existe na nossa cidade.

Além de constituir um perigo para a saúde pública não são pequenos os estragos que esses animais produzem nos jardins municipais.

EM CARVALHAL

C. N. E.**O Escutismo não morre**

(Conclusão)

O Rev.º assistente, como remate da cerimónia, e em nome do Ex.º Prelado abençoou o Grupo inaugurado e todos os assistentes que constituíam imensa multidão, onde se viam inúmeras pessoas das diversas freguesias limítrofes.

A tarde após a recitação do Terço do Rosário e da Bênção Eucarística na igreja paroquial, efectuou-se uma sessão solene ao ar livre, para propaganda do Escutismo e vincar—uma vez mais esta data que se tornará histórica para o C. N. E. como índice da sua vida pujante.

Foi presidida a sessão pelo Ex.º Capitão Graciliano Marques ladeado pelo Ex.º Cônego Dr. José Martins Gonçalves e pelos Rev.ºs assistentes da Alcateia de Macieira e do Grupo de Seniors de S. Paio.

Falou primeiro o Ex.º Comissário regional—Capitão G. Marques sobre o que é o Escutismo sendo por várias vezes interrompido pelas salvas de palmas da multidão que o escudou com profundo respeito.

A seguir fala o Ex.º Secretário Nacional—Cônego Dr. M. Gonçalves que apresenta o Escutismo como uma escola integral da Juventude no Amor da Pátria, no amor fraterno e no amor a Deus, Viveiro de cristãos e de bons cidadãos. Como sempre, emocionou o auditório que, em imenso anfiteatro, se estendia no vasto terreiro da igreja, aclamando freneticamente os oradores.

Encerrou a sessão o P.º Felipe R. Ferreira, que não pôde esconder a sua comoção de alegria por ter atingido com tanto brilho, aquilo que êle considerava a sua joia de primeira estima a inauguração do Escutismo naquela freguesia que vem pastoreando há dois anos apenas. Desde que é plenamente desvendado o Escutismo aos seus paroquianos. Desde que reconheceu bem a estima e apreço que o seu povo vota ao Escutismo, que em tam boa hora acaba de ser inaugurado, limita-se com frases repassadas de verdadeira sinceridade que lhe é peculiar, a agradecer a todos o carinho que lhe dispensaram para a realização desta festa. E começa a enumerar:

«Agradeço ao meu povo que soube compreender o meu esforço hercúleo na fundação do Escutismo nesta freguesia e a estima que a todos deve merecer esta santa cruzada; esta compreensão tornou-se-lhe evidente—diz—desde que a freguesia se prontificou com tanta gentileza e amabilidade a garantir a hospedagem ao Grupo de Capareiros e aos Lobitos de Macieira, abraçando pressurosa a idéa de inaugurar êste Grupo com a máxima solenidade. Agradeço ao Sr. Arcebispo Primaz, na pessoa do Ex.º Cônego Dr. Martins Gonçalves, a bênção paternal que se dignou enviar-nos. Agradeço ao Ex.º Comissário Regional as gentilezas que nos dispensou e os carinhos que distribuiu aos meus rapazes. Agradeço ao Ex.º Secretário Nacional do C. N. E. a luz que veto dar á nossa Festa; aos rapazes de Capareiros o mimo da sua música e leal camaradagem; a todo o povo presente os sentimentos religiosos que manifestou no decorrer desta Festa memorável que constituiu mais uma glória do C. N. E.

Foram levantados vivos ao Escutismo, á Pátria, á Igreja e ao Sr. Arcebispo. Mas... (há sempre um mas)—diz o Rev.º assistente do Grupo de Carvalho—que tenho de me penitenciar amargamente por um lapso da minha memória fatigada...

E' que omiti involuntariamente a minha profunda gratidão aos miúditos da Alcateia de Macieira e ao Dig.º Assistente que palmilharam boas duas

D. MARIA JOSÉ NOVAIS

Consagrou mais uma vez a Nação as altas qualidades desta Ilustre Senhora, uma conterranea, renovando-lhe o mandato na Camara Corporativa, onde com muito brilho os seus altos dotes de espirito e de cultura já se tinham afirmado na ultima legislatura.

D. Maria José Novais é sem duvida nenhuma um dos espiritos de mulher melhor formados em Portugal; quer como oradora, escritora e conferencista, quer como orientadora do espirito de renovação da mocidade e principalmente da mulher portuguesa.

Conhecedora como poucos do problema social, a vida de D. Maria José Novais tem sido grata ao apostolado do bem a espalhar benfazer, alegria e conforto material e moral.

Muito lhe deve Barcelos, terra de seus maiores e muito lhe deve o paiz inteiro, razão porque, não podia ser mais acertada a escolha para aquele alto cargo.

«Noticias de Barcelos» onde D. Maria José Novais tem os maiores admiradores e interpretando o sentir de todos os barcelenses, apresenta-lhe por esse facto os mais sinceros cumprimentos de parabens.

**CHEFE DO ESTADO Um conselho dos C. T. T.**

No dia 24 fez anos Sua Ex.ª o Senhor General Oscar de Melo Fragoso Carmona, Presidente da Republica Portuguesa.

Não ha um só Portuguez que não tenha por Sua Ex.ª profunda admiração pela sua intelligencia, o seu espirito de justiça, o seu tato politico, a sua extrema bondade.

A veneração de todos os portugueses é bem sentida, é um verdadeiro culto.

O prestigio de Portugal deve muito á personalidade veneranda que é o Senhor General Carmona, illustre Chefe do Estado.

Por votação unanime de todos ocupa Sua Ex.ª o lugar de Presidente da Republica.

A sua desassomburada attitude no julgamento dos percursores do 28 de Maio marcou-lhe logo um lugar eminente a dentro da situação que pouco depois eclodia com General Gomes da Costa á chefiar, esmagando na sua marcha vitoriosa até Lisboa a democracia anarquisante.

Por motivo do seu anniversario natalicio Portugal inteiro vibrou de alegria, vendo atingir mais um ano o venerando Presidente da Republica.

Sua Excelencia foi muito cumprimentado e felicitado, mostrando-se sensibilizado por tanto carinho.

A Camara Municipal de Barcelos e a Comissão Concelhia da União Nacional enviaram telegramas a Sua Excelencia saudando-o e felicitando-o.

lêguas, com o fim único de abrilhantar a nossa festa e evidenciar as suas aptidões de acólitos cujos officios exerceram com mestria.

Era já noite quando terminou, e começou a debandada.

Todos ficamos vibrando de entusiasmo pelo ideal escutista.

* * *

O Escutismo não morre porque tem vida robusta. O Escutismo tem admiradores nas diferentes escalas sociais. O escutismo está na vanguarda, porque o escutismo tem utilidade prática e palpitante de oportunidade, porque o escutismo está sempre Álerta.

Muito dele espera a Pátria, a Familia e a Igreja,

O Escutismo não morre.

F.

Circulo Católico

Para comemorar a passagem do anniversario natalicio do Rev.º P.º Bonifácio Lamela, realizou-se no passado dia 11, nesta cidade uma brilhante festa que constou do seguinte:

Às 7 horas, missa na igreja do Terço, celebrada pelo homenageado. A êste acto tam solene, assistiram todos os membros dos organismos masculinos da Acção Católica Barcelense, recebendo todos a Sagrada Comunhão.

O Orfeon da Juventude Católica, que cantou com muito mimo durante a missa, agradeceu.

À noite, a Liga Operária Católica e a Juventude Operária Católica querendo prestar homenagem ao seu digno Assistente realizaram no salão nobre do Circulo Católico de Operários, uma sessão solene.

Pelas 20 horas, deu entrada no salão, o Rev.º Padre Lamela, acompanhado de alguns membros da Acção Católica, sendo recebido com uma vibrante salva de palmas, enquanto a Juventude cantava o hino Jocista.

É convidado para presidir á sessão o sr. Joaquim Alves de Sousa, membro do Nucleo Paroquial da Acção Católica, ladeado pelos srs. José Pereira, Joaquim das Dores Faria, Manuel António Campinhos e José Correia Landolt.

Aberta a sessão, o secretário da JOC, expõe em breves palavras, o significado daquela festa, anniversario natalicio do director daquela casa, pelo muito que tem trabalhado em prol do desenvolvimento social, economico e espirital da classe operária.

Sua Rev.ª o sr. P.º Lamela foi convidado para descerrar um lindo Cristo luminoso oferta da Liga Operária Católica, acto que foi sublinhado por uma prolongada salva de palmas, enquanto o Orfeon da Juventude canta o hino de Cristo-Rei.

Em seguida pediram a palavra os seguintes srs.: Manuel da Graça Pereira, João Baptista de Lima Miranda, Augusto José Pereira e Eduardo da Graça Pereira, que foram muito ovacionados.

Finalmente o sr. Joaquim das Dores Faria, presidente da Juventude Operária Católica, com entusiasmo, enalteceu a obra realizada pelo Rev.º P.º Lamela, em favor do operariado e da Juventude Operária Católica, a quem muito devem e achando-se na impossibilidade de lhe solverem tantos sacrificios.

Convida o Rev.º Lamela a descerrar a bandeira da Juventude, aparecendo o retrato do homenageado a perpetuar aos vindouros a sua grande obra.

O entusiasmo redobra, irrompem vivas á Acção Católica, á Liga Operária Católica, a Portugal, etc., enquanto a Juventude canta o hino Jocista.

Faz-se silencio!... Agora vai falar o amigo dos operários, Rev.º P.º Lamela, que comovido agradece a todos, a homenagem que lhe acabam de tributar, homenagem para êle, imerecida.

O que está feito é emoldurado dentro da Enciclica de Leão XIII e Pio XI que nos manda trabalhar pela restauração cristã nos espiritos e nas sociedades e pelo prestigio moral e social dos operários.

Quando Deus me chamar a contas—diz o orador—morrerei tranquilo e satisfeito, por saber que já deixo dentro desta casa continuadores da minha obra de Deus, ficando portanto bem entregue.

Termina agradecendo a todos a homenagem que lhe prestaram.

O secretário da Liga Operária Católica agradece a todas as pessoas que com o brilho das suas palavras muito contribuíram para o bom exito daquela festa e o sr. Presidente em seguida encerra a sessão.

E assim terminou esta festa tam simpática, que deixou gratas recordações em todos os católicos que a ella assistiram.

L

Escola Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA

(Fundada em 1930 e ao abrigo do Dec. 23447)

RUA DO ARSENAL, 54, 3.º-LISBOA

HABILITAÇÃO GARANTIDA PARA GUARDA-LIVROS

em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

23—Quadro de honra: Alguns nossos distintos alunos:

Sr. José Maria Russo—Almeirim
» Estanislau Pinto Marques — Lisboa.

Sr. Alvaro Lourenço Carvalho—Castanheira de Pera

Sr. Patricio Ribeiro Gonçalves—Coruche

Sr. César Augusto Anciães—Lisboa

Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes do «Noticias de Barcelos».

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO, CONTABILIDADE, ESTENOGRAFIA, DACTILOGRAFIA, etc.

Peça gratis o nosso livro de propaganda, que contém planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, etc.

Se lhe for possível, recorte e envie-nos este anucio.

Secção Desportiva

«Custe o que custar»

No domingo, em disputa do campeonato distrital, desloca-se a esta cidade o Vitória Sport Club de Guimarães.

Há tempos fazendo referência às deslocações a Braga e Barcelos do grupo vimezanense na 2.ª volta do campeonato, o cronista desportivo dum dos jornais de Guimarães, afirmou que o Vitória teria que ganhar... «custe o que custar».

Infelizmente, contra os mais rudimentares princípios do desporto, em Guimarães, a técnica de vencer à força e de qualquer maneira, «custe o que custar», tem sido aplicada.

Assim aconteceu quando o Gil Vicente aí se deslocou. Tendo terminado a primeira parte como vencedor, terminou por perder o jogo devido às ameaças dos assistentes e à «técnica» usada e aconselhada pelos «profissionais» do grupo vimezanense de vencer... «custe o que custar».

Mas, na nossa terra, pode socegar o citado correspondente desportivo que isso não acontecerá porque não pode acontecer.

Os barcelenses no jogo de futebol admitem a vitória, o empate e a derrota.

E admitem ainda, como excepção, aliaz muito frequente, que nem sempre ganha o melhor.

Dentro destes princípios o Vitória pode ganhar por jogar mais ou por ter mais sorte mas nunca por fazer uso das violências desmedidas impróprias de homens civilizados quanto mais de desportistas, apoiado e aplaudido por uma assistência que afina por idêntico diapásão quando joga na sua terra.

Aqui o ganhar «custe o que custar» à moda de Guimarães ou de Fafe, com o apoio dos árbitros bracarense e dos senhores associativos que antes dos jogos para «lembança» costumam ameaçar os jogadores que pratiquem jogo violento com a expulsão do campo (isto até é ridículo), é impossível.

Em Barcelos, não há desportistas «profissionais», joga-se o futebol com lealdade e por isso admite-se a vitória, o empate e a derrota mas não se tolera o ganhar, «custe o que custar», à moda de Guimarães ou de Fafe.

Campeonato distrital

A classificação do campeonato distrital manteve-se inalterável com os resultados dos jogos de domingo.

Em Guimarães, o Vitória e o Sporting C. de Fafe empataram por 0-0; em Fafe, o F. C. de Fafe, ameaçando e praticando a justiça da sua terra, venceu o Gil Vicente por 5-2 e em Braga, o F. C. de Famalicão derrotou o Sporting da mesma cidade por idêntico resultado.

Dêste modo, os grupos continuam a marchar em coluna por dois e enquanto os dois primeiros se distanciaram mais um ponto do Gil Vicente e do Sporting C. de Braga os condutores da lanterna vermelha aproximaram-se mais destes grupos.

Faltam apenas duas jornadas para terminar o campeonato distrital e a nossa maior pena, é que não tivesse acabado já.

É vergonhosa a maneira como tem sido disputado.

A Associação de Foot-Ball de Braga sai desprestigiada com a realização dêste campeonato. Quanto ao Colégio de Arbitros não diremos a mesma coisa porque até agora ainda não conseguiu alcançar a mínima parcela de prestígio.

Ao presente campeonato distrital, faremos depois, em ocasião oportuna, os necessários e justos reparos, não por vontade de dizer mal mas antes, e sobretudo, para vêr se o desporto no nosso distrito entra finalmente na linha.

Gil Vicente, 2—F. C. de Fafe, 5

No pretérito domingo, em Fafe, o

Consórcio

Consociaram-se há dias, no templo do Corpo Humano, o Ex.º Conselheiro Alcool com a Sr.ª D. Nicotina, gentil filha do Sr. Don Tabaco, digníssimo consul geral das Antilhas nesta cidade e importante proprietário de numerosas lesões nos Tubos Digestivos e Respiratórios.

Acompanhou a noiva a Sr.ª D. Tísica de Laringe, e testemunharam o acto os Srs. Paladar, Olfacto, Tacto e Ouvido.

Na *corbeille* dos noivos viam-se valiosos presentes, como taças, cigarreiras e fosforeiras de prata, boquilhas de espuma e ânbar e um título de renda vitalícia, da Tesouraria do Vício.

Ao copo de *água ardente* o entusiasmo reinou entre os numerosos convivas, distinguindo se nos brindes o Sr. O'pio, ministro plenipotenciário da China, e o Sr. Dr. Voluptuoso, governador civil dêste distrito. M.ª Morfina, embaixatriz de França, foi igualmente inexcusável de amabilidade.

A festa terminou num verdadeiro delírio... *tremens!*

Os noivos partiram em carruagem doirada a passar a «lua de mel», que lhes asseguramos perpétua, no Campo do Repouso.

(Da Gazeta de Cantanhede)

CINEMA GIL VICENTE

Hoje continua a exibição do filme português «Os Fidalgos da Casa Mourisca».

—No proximo domingo, duas sessões de cinema, na Teatro Gil Vicente, ás 15 e ás 21 horas, com os dois grandiosos filmes:

1.000 dolares por minuto

e
A Marca de Zorro

Como complemento: *Santarem e Política de cueiros.*

Na próxima quinta feira 8 de Dezembro, em beneficio do pessoal do Teatro Gil Vicente, realizar-se há uma importante sessão de cinema sonoro.

Atendendo não só a que a sessão se realiza a favor do pessoal, muito delicado e atencioso, do nosso teatro mas também ao valor dos fonofilmes que serão exibidos, é de esperar uma casa completamente cheia.

Gil Vicente perdeu com o F. C. de Fafe por 5-2.

Futebolisticamente falando, a história do jogo é curta. Segundo os apaixonados do Gil mais insuspeitos, os que desanimam depressa e quasi não admitem desculpas quando o Gil Vicente perde, o grupo local jogou mais e devia ganhar se o desafio fosse de «foot-ball» e o árbitro... não tivesse sido de Braga.

A justiça de Fafe, em pleno campo, pelos próprios jogadores e com o consentimento do árbitro, principiou no jogo das Reservas que a-pesar-de tudo conseguiram vencer por 4-3.

No jogo das categorias de honra o que se passou, não é de gente civilizada. Os jogadores barcelenses mal entraram no campo principiaram logo a ser insultados e ameaçados com as piores infamias.

E não duvidamos que tornassem «realidade» as suas ameaças, no caso do grupo de Fafe perder, porque nem por ter saído vencedor deixaram de praticar actos indignos.

Pouco depois de ter principiado o desafio o médio-centro Ventura sofreu um «intorse» que o inutilizou para o resto do jogo e para algumas semanas.

Embora sempre debaixo de ameaças e insultos, na primeira parte, os barcelenses ainda se aguentaram mas, na segunda, é que o espectáculo foi edificante.

As violências e os insultos mais

Durbalina de Oliveira Monteiro

Com 20 anos de idade faleceu em Barcelinhos, na noite de domingo para segunda-feira, Durbalina de Oliveira Monteiro, extremosa filha do nosso amigo sr. Artur Monteiro.

O seu funeral realizou-se ante-ontem, com grande acompanhamento, de sua casa para o cemitério paroquial daquela freguesia.

A finada era também sobrinha do nosso amigo sr. João Monteiro, ajudante de escrivão no nosso Tribunal, a quem, como toda a família, apresentamos os nossos sentidos pêsames.

Domingas Miquelina de Sousa Teixeira

Faleceu na casa de seus pais em S. Martinho da Gandra, Concelho de Ponte do Lima, na madrugada de terça-feira passada, a menina Domingas Miquelina de Sousa Teixeira, filha muito querida do nosso amigo e assinante sr. Manuel Teixeira Junior, chefe de conservação das hidraulicas em Barcelos.

A inditosa menina que contava 16 anos de idade, foi sepultada em jazigo de família na freguesia de Calvêlo, do mesmo concelho, para onde se realizou o seu funeral na manhã de ontem, que foi muito concorrido tanto por pessoas do concelho de Ponte do Lima como de Barcelos.

A toda a família enlutada e em especial a seu pai, os nossos sentidos pêsames.

SOCIEDADE

Aniversários

Fazem anos:

Hoje as sr.ªs D. Ana Carolina de Sá Oliveira Gonçalves Ramos, D. Maria Augusta da Cunha Vieira, D. Maria Berta Pereira Esteves e D. Maria da Gloria de Lima Bandeira Ferreira.

Amanhã: as sr.ªs D. Joaquina da Cunha Vieira, D. Lucilia Azevedo Nunes e o sr. Humberto Carmona Coelho Gonçalves.

Sabado—a sr.ª D. Maria Berta Faria Cavalho.

Dia 7—a sr.ª D. Maria Arminda Veloso de Araújo Mourão e o sr. Herculano Nunes.

VENDE-SE

Em Durrães, próximo ao C. F., casa nova com terreno de lavradio, ramadas e arvores de fruta, água de rega e de poço. Falar nesta redacção.

Dr. Adélio Marinho

Consultorio e Residencia
Rua Dom António Barroso, 141
Telefone 28

EMBARQUE PARA O BRAZIL E ARGENTINA

João de Sousa Pimenta, agente de passagens e passaportes, em frente ao Senhor da Cruz — Barcelos, informa todos aqueles que pretendam embarcar para o Brazil ou Argentina, que a entrada está livre em qualquer daqueles paizes sem que seja necessária a «carta de chamada».

O AGENTE LEGALMENTE HABILITADO
JOÃO DE SOUSA PIMENTA

«tôrpes» dos fafenses, ante o entusiasmo e o incitamento dos assistentes que também davam a sua colaboração, eram contínuas.

Tito, entre outras agressões, sofreu duas chumbadas dum espingarda «Flobert» acima dum das coxas; Luiz, foi agredido com pedras; Carvalho, abandonou o campo pouco antes do fim com um pontapé na cara e ante o regosijo da assistência que ainda achou pouco; Neiva, como todos os outros jogadores do Gil, também foram mártires das «caricias» dos jogadores e dos assistentes de Fafe.

Arbitrou o sr. Jorge de Vasconcelos que antes do jogo, como de costume, lembrou o «jogo violento». Este sr. com as suas arbitragens ressuscitou um *passado sem saudades* mas isso... fica para depois.

Contra o procedimento infame e intolerável dos fafenses em nome do desporto e da civilização, protestamos enérgicamente e apelamos para as dignas autoridades superiores do nosso distrito.

E' preciso restaurar nos campos do Desporto a Ordem que nunca devia deixar de reinar.

E' necessário terminar dum vez para sempre com os discolos e seus responsáveis.

Na desordem de Fafe, nem o árbitro, nem a Associação podem lavar as mãos.

O rendimento do campo foi pequeno e por isso não deu para pagar a deslocação aos barcelenses mas no entanto, o campo estava com uma grande assistência.

Como explicam isso os srs. directores da Associação?

—Para remate do caso edificante de Fafe, informamos os nossos leitores que os barcelenses foram despedidos à pedrada. Quebraram assim um vidro grande da caminheta, estalaram outro e noutras partes «inquebráveis» desse veículo ficaram bem assinalados os mimos de tal despedida.

—E porquê?

—Por o Sporting C. de Fafe, nesta cidade, contra a corrente do jogo, só ter perdido por 3-2. Mais nada. Nêste jogo, houve dureza, de parte a parte, mas houve sempre correcção para com os jogadores e assistentes visitantes.

Com o F. C. de Fafe, o grupo com quem o Gil Vicente jogou no domingo, quando visitou a nossa cidade, então nem sequer existiu o jogo duro, próprio do campeonato e muitas vezes da velocidade com que é disputado.

Fafe não compreendeu assim e, como até agora a Associação não se tem importado em fazer compreender aos grupos e jogadores a necessidade de praticarem apenas o Desporto, só resta uma coisa—apelar para as dignas autoridades.

Off-side

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO1.ª praça
1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que foi designado o dia 8 de Janeiro próximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, desta comarca, para a arrematação em hasta publica dos bens penhorados nos autos de Execução Fiscal que a Fazenda Nacional representada pelo Ministério Público move a Ana Maria Ferreira, da freguesia de Creixomil, desta comarca e que serão entregues a quem maior lanço oferecer acima das suas importancias.

N.º 1

Uma leira de lavradio denominada da Areia, sita no lugar do mesmo nome, da freguesia de Creixomil, que entra em praça pela quantia de seis centos e setenta e sete escudos e sessenta centavos 677\$60.

N.º 2

Uma leira de lavradio denominada Petelho de Cima, sita no lugar do mesmo nome da freguesia de Creixomil, que entra em praça pela quantia de oito centos e noventa e trez escudos e vinte centavos 893\$20.

Declara-se que as despesas da praça e as respectivas sisas ficam por conta dos arrematantes, e por este meio são citados quaisquer interessados ou credores incertos da executada para assistirem á arrematação e mais termos da execução e designadamente os herdeiros do falecido credor—António Albino Gomes, que foi da freguesia de Creixomil, inscrito no registo pela quantia de 100\$.

Barcelos, 23 de Novembro de 1938.

O Chefe da 2.ª Secção,
Delfino de Miranda Sampalo
Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Arthur A. Ribello

Agradecimento**Manoel Alves Simões**

Sua mulher, vem, por este meio, agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que, tanto por ocasião da sua doença como pelo seu falecimento, apresentaram os seus prestimos e as suas condolências.

Agradece tambem a todas as pessoas que assistiram á missa do 7.º dia que por sua alma se resou na parochial de Santa Eugénia de Rio Côvo.

Barcelos, 30 de Novembro de 1938.

Agradecimento

Agostinho Azevedo Simões, Policia de S. P. nesta cidade, vem, na qualidade de particular amigo do falecido sr. Manoel Alves Simões, agradecer a todas as pessoas e amigos que se interessaram pela doença daquele tambem seu amigo e depois apresentaram seus pesames.

Barcelos, 30 de Novembro de 1938.

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação2.ª praça
1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Público nesta comarca move contra Maria Ferreira da Silva, viúva, e seu filho Manoel Gomes da Costa tambem conhecido por Manoel Gomes Ferreira, solteiro, menor pubere, ambos da freguesia de Rio Côvo Santa Eulália, foi designado o dia onze de Dezembro proximo pelas onze horas, para a arrematação em hasta pública á porta do Tribunal Judicial desta comarca, dos seguintes predios:

1.º

Casas torres com seus comodos e junto eirado de lavradio com ramadas e arvores de vinho e fructa, com água de lima e rega, que começa todas as quintas-feiras ás desanove horas até ao dia immediato á mesma hora, da Fonte da Guarda, e que entra em praça por metade do seu valor ou seja na quantia de 3.750\$00.

2.º

Campo do Codeçal, de lavradio com arvores de vinho, com um dia de água de lima e rega de seis em seis dias e um dia de trez em trez dias da poça da Bouça da Guarda, e que entra em praça por metade do seu valor ou seja na quantia de 2.000\$00. Ambos estes prédios são situados no lugar da Guarda, freguesia de Santa Eulália de Rio Covo.

3.º

Leira de mato e pinheiros, e que entra em praça por metade do seu valor ou seja na quantia de 40\$00.

4.º

Outra leira de mato com eucaliptos, e que entra em praça por metade do seu valor ou seja na quantia de 200\$00. Ambos estes prédios são situados no lugar de Fontêlo, da mesma freguesia. Para deduzirem os seus direitos são citados por este meio, todos e quaisquer interessados ou credores dos executados.

Barcelos, 28 de Novembro de 1938.

O Chefe da 4.ª Secção

Carlos Domingues Moreira

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Artur A. Ribello

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO3.ª praça
1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que nos autos de execução por custas e selos, que o Ministerio Publico move contra Paulino Ferreira e mulher Maria Teresa Lourenço, da freguesia de Cervães, comarca de Vila Verde, foi designado o dia 11 do proximo mez de Dezembro, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial sito nos Paços do Concelho de Barcelos, para a arrematação em hasta pública e em 3.ª praça do predio:

Leira de lavradio, com um cabeceiro de mato, sita na freguesia de Roriz, desta comarca de Barcelos, que será entregue a quem maior lanço oferecer, visto que entra em praça por qualquer valor, ficando as despesas da arrematação e respectiva sisa da conta do arrematante. Por este meio são citados todos e quaisquer interessados ou credores incertos dos executados para assistirem á praça e mais termos da execução e para deduzirem os seus direitos sob pena de revelia.

Barcelos, 29 de Novembro de 1938.

O Chefe da 2.ª secção

Delfino de Miranda Sampalo

Verifiquei

O Juiz de Direito:

Artur A. Ribello

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO2.ª praça
1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Público nesta comarca, move a Maria Fernandes dos Santos e filhos, da freguesia de Fragoso, desta comarca, foi designado o dia 11 de Dezembro, próximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, sito nos Paços do Concelho de Barcelos, para a arrematação em hasta pública e em 2.ª praça dos bens penhorados aos executados e que serão entregues a quem maior lanço oferecer acima de metade do valor da avaliação, ficando as despesas da praça e a respectiva sisa a cargo do arrematante.

BENS A ARREMATAR

N.º 1 do 1.º anuncio—Diversos moveis.

N.º 2 do anterior anuncio—Casa terrea e junto eirado de lavradio, no lugar da Costa, freguesia de Fragoso, que entra em praça pela quantia de mil e cem escudos—1.100\$00.

Para os devidos efeitos são por este meio citados todos e quaisquer interessados ou credores incertos dos executados para assistirem á praça e demais termos de execução.

Barcelos, 29 de Novembro de 1938.

O Chefe da 2.ª Secção,
Delfino de Miranda Sampalo
Verifiquei:
O Juiz de Direito:
Artur A. Ribello

CAMARA MUNICIPAL DE
BARCELOS**Imposto para serviço de incêndios
EDITAL**

**Miguel Gomes de Miranda,
Presidente da Câmara
Municipal de Barcelos:**

Faço saber que a partir do dia 5 de Dezembro próximo, e por espaço de 15 dias, pode ser examinado na Secretaria da Câmara, das 11 ás 17 horas, o mapa de lançamento do imposto para o serviço de incêndios, para efeito de reclamação.

Os proprietários de prédios urbanos e estabelecimentos comerciais e industriais situados na área da cidade, que não tiverem apresentado oportunamente as declarações referentes ao seguro dos prédios ou do recheio dos estabelecimentos, podem ainda fazer essa decla-

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO1.ª praça
1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que nos autos de execução fiscal da Fazenda Nacional contra José Pereira da Silva, viúvo, da freguesia de Abade do Neiva, desta comarca, foi designado o dia 8 de Janeiro, do ano proximo, por 11 horas, á porta do tribunal judicial sito nos Paços do concelho de Barcelos, para a arrematação em hasta pública do prédio penhorado ao executado e denominado:—Campo da Senra, de lavradio, sito no lugar da Costa Má, da dita freguesia, que entra em praça pela quantia de 23.430\$00, ficando as despesas da praça e a sisa respectiva a cargo do arrematante, sendo entregue a quem maior lanço oferecer sobre a referida quantia. Para assistirem á praça e mais termos da execução citam-se por este meio todos e quaisquer interessados ou credores incertos do executado.

Barcelos, 24 de Novembro de 1938.

O Chefe da 2.ª secção
Delfino de Miranda Sampalo
Verifiquei
O Juiz de Direito
Arthur A. Ribello

Quinta de bom rendimento

Vende-se uma junto á cidade, toda regada, bem avinhada e com casa para caseiro. Tem tambem bastante bravio e é tudo junto. Para informações no Sindicato desta cidade.

PINHEIROS

Ninguem venda sem consultar-me.

Arlindo Sá

Laundos—Povoa de Varzim

**AUTOMOVEL
6 LUGARES**

Aluga **JOSÉ PERESTRELO**

Largo José Novais
Telefone 8

ração, exhibindo as respectivas apólices e os recibos dos últimos prémios vencidos, para evitar o lançamento do imposto para o serviço de incêndios.

E eu, António Pedrosa Pires de Lima, Chefe de Secretaria, o subscrevo.

Barcelos e Paços do Concelho, 30 de Novembro de 1938.

O Presidente da Camara:
Miguel Gomes de Miranda